

## **Entre a continuidade e a ruptura nas esquinas da magia: a emergência dos mistagogos nos Papiros Mágicos na Antiguidade Tardia (séc. III – V d. C.)**

Hariadne da Penha Soares<sup>1</sup>

A presente comunicação tem por objetivo apresentar o inventário de poderes mágicos a disposição do mistagogo, bem como, os atributos sobrenaturais de que dispunha como autoridade detentora de um saber esotérico, como importantes objetos de pesquisa acerca das práticas mágico-religiosas do Egito romano tardo-antigo, a partir da análise dos encantamentos e fórmulas mágicas presentes nos *Papiros Mágicos Greco-egípcios* e nos entalhes mágicos, ambos elaborados entre os séculos III e V d. C. que apresentam os ensinamentos para o uso e consumo dos favores das divindades, bem como, a utilização desses artefatos mágicos no contexto urbano do Egito, durante a Antiguidade Tardia.

A emergência dos mistagogos como taumaturgos no contexto da Antiguidade tardia desenvolveu-se a partir das interações culturais entre o Império romano e o *Mundo Helenístico* que proporcionaram, como no caso do Egito, o desenvolvimento de uma religião híbrida que reunia a tradição mágica do Egito faraônico e os cultos de mistério do mundo grego. Nesse contexto, marcado pelo hibridismo religioso, é que percebemos a emergência dos mistagogos como proeminentes homens divinos, *theioi andres*, que cumpriam a função de mediadores entre o mundo sobrenatural e o natural. Dispondo de poderes taumatúrgicos, os mistagogos dominavam um saber que lhes conferia prestígio social, em razão da íntima relação com as divindades da qual aparentavam desfrutar e exerciam papel de líderes entre seus seguidores.

Neste sentido, nosso propósito é analisar uma categoria específica de homens divinos: o mistagogo da Antiguidade Tardia, sacerdotes pagãos que atuavam como taumaturgos em suas comunidades, praticando uma magia vinculada aos cultos de mistério do Oriente e desvelada pelas divindades durante a experiência ascética e a purificação observada pelo mistagogo visando ao domínio da *ars magica*, eles são os principais praticantes e depositários do vasto repertório de fórmulas, rituais, encantamentos e técnicas de adivinhação presentes na coletânea conhecida como

---

<sup>1</sup> Doutoranda em História Social das Relações Políticas (PPGHIS/UFES), sob orientação do Prof. Dr.: Gilvan Ventura da Silva, realizando pesquisa acerca das práticas mágico-religiosas do mundo greco-romano, com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

*Papiros Mágicos Greco-egípcios*, que ao nosso ver representam não a ruptura com a magia antiga, executada pelos magos egípcios, mas a continuidade de tais práticas mágico-religiosas a partir das interações culturais entre o Império Romano e *Mundo Helenístico*.

A atuação dos mistagogos como homens divinos, *theioi andres* (*theioi andres*), no contexto da Antiguidade tardia desenvolveu-se a partir das interações culturais e da rede de conectividades no mediterrâneo antigo, entre o Império romano e a herança cultural do *Mundo Helenístico* que proporcionaram, na província do Egito greco-romano, o desenvolvimento de uma religião híbrida que reunia a tradição mágica do Egito faraônico e os cultos de mistério do mundo grego. Nesse contexto, marcado pelo hibridismo religioso, é que percebemos a emergência dos mistagogos como proeminentes homens divinos, cumprindo a função de mediadores entre o mundo sobrenatural e o natural.

Os mistagogos da Antiguidade Tardia eram sacerdotes que atuavam como em suas comunidades, praticando *ars magica* e realizando maravilhas, como adivinhação, cura e prodígios. Eles eram os principais praticantes do vasto repertório de fórmulas, encantamentos e invocações presentes na coletânea conhecida como *Papiros Mágicos Greco-egípcios*, executada pelos magos a partir das interações culturais entre o Império Romano e *Mundo Helenístico*.

Documentação fundamental para os estudos sobre a magia no Império Romano, os *PGM* correspondem a um vasto manual de magia do Egito greco-romano que remontam ao séc. I a.C. O contexto histórico de produção dos papiros mágicos, se deu entre os séculos I a.C. ao V d.C., período que corresponde a dominação romana sobre na região.

Os primeiros papiros mágicos descobertos no Egito foram trazidos à Europa por Jean d'Anastasi, vice-cônsul sueco no Cairo entre 1828 e 1859, que comprou uma coleção completa de papiros, encontrada numa tumba nas proximidades de Tebas. A coleção continha receitas e fórmulas para todo tipo de magia: encantamentos amorosos, exorcismos, produção de amuletos e estatuetas para garantir vitória, fortuna e a cura para diversas enfermidades.

## Os papiros mágicos greco-egípcios

Como mencionado anteriormente, a maior parte da coleção dos papiros mágicos gregos foi encontrada por Jean d'Anastasi ([1780?]-1857), um diplomata sueco, de origem armênia, residente em Alexandria. Grande parte dos papiros foi encontrada na cidade de Tebas, proveniente talvez da tumba de algum mago (BETZ, 1991, p. xliii), contudo outros papiros de cunho mágico também foram encontrados em outras regiões do Egito, como na cidade de Oxirrinco e no Fayum. Sempre deixado de lado até o século XIX, somente em meados do século XX os especialistas começaram a dar alguma importância a eles.

A descoberta dos papiros mágicos gregos e a sua apresentação à comunidade científica, por meio das traduções publicadas, incentivaram a pesquisa e análise dos documentos e surgiram então alguns problemas: os textos contidos nos papiros eram mágicos ou religiosos? Pertenciam às atividades rituais normativas dos gregos ou os textos correspondiam a uma prática mágica apartada da religião oficial? Começou então uma intensa atividade científica que originou estudos visando a dar uma explicação à origem e natureza desses documentos. Ulrich Wilamowitz (1931), em sua obra *Der Glaube der Hellenen*, afirmou que os textos dos papiros correspondiam a uma “fantasmagórica superstição que não tem relação com a religião”.<sup>2</sup>

Um dos primeiros ensaios acerca da religiosidade presente nos papiros mágicos foi elaborado por Albrecht Dieterich (1891), *Abraxas: Studien zur Religionsgeschichte des spätern Altertums*, cujo objetivo era buscar vestígios da antiga religião políade grega nos *PGM* da época tardia. Seguindo com as pesquisas acerca dos papiros mágicos, Dieterich (1903), analisou o *PGM IV*, e propôs no livro *Eine Mithrasliturgie*, que entre as linhas 475 e 829 do papiro constava a descrição de um ritual iniciático do culto de Mitra.

Após a tese apresentada por Albrecht Dieterich, o principal objetivo dos pesquisadores era investigar os *PGM* na tentativa de encontrar neles, textos de teor religioso, de modo que se pudesse estabelecer uma separação, acompanhando-se as discussões das teorias evolucionistas de Frazer e Tylor, no início do séc. XX, entre magia e religião. Era necessário estabelecer uma definição de magia ou religião para a categorização dos papiros. A obra de Frazer (1890), *The Golden Bough*, foi o principal

---

<sup>2</sup> Trecho de Wilamowitz mencionado por Graf (1994, p. 268).

aporte teórico para esta definição, aproximando os textos dos papiros do domínio da magia, considerando-os degeneração da religião antiga e uma miscelânea de elementos religiosos provenientes do Oriente e do Ocidente.

Betz (1991), em sua obra *Magic and mystery in the Greek Magical Papyri*, afirma que os textos dos papiros mágicos gregos correspondem a um material de natureza sincrética e que o *corpus*, como um todo, resulta em grande medida das crenças e práticas mágico-religiosas anteriormente realizadas no Egito. A favor da tese que defende características de continuidade entre a *heka* egípcia e os manuais de magia da época romana podemos evocar o artigo de Robert Kriech Ritner (1995), *Egyptian magical practice under the Roman Empire: the demotic spells and their religious contexts*, para quem a introdução de elementos estrangeiros nos textos mágicos não indica, necessariamente uma novidade, dado o caráter sincrético da época helenística. A preferência por línguas exóticas, característica da influência helenística na magia egípcia, pode ter motivado o uso de “palavras mágicas”, das *voces magicae*, nos papiros demóticos e gregos. No entanto, as técnicas manipuladas pelos sacerdotes aparecem já atestadas nos textos das pirâmides, que datam de 2400 a.C.

### **Práticas e rituais apotropaicos nos papiros mágicos**

A região da Tebaida, no Alto Egito, onde foram encontrados os papiros mágicos gregos, fora transformada, no período de dominação romana, em região administrativa e formava com o Médio e o Alto Egito, a província do Egito romano. Nas regiões de Mênfis e da Tebaida, apesar da dominação romana, podemos observar a permanência de aspectos tradicionais ainda de época faraônica, como a urbanização das cidades, a presença de templos as divindades locais e a manutenção do culto aos deuses nilóticos (VASQUES, 2014, p. 55).

A análise de papiros, amuletos e gemas mágicas encontradas no Egito entre o III e o V século d.C., nos apresentam um mundo religioso diverso, onde podemos encontrar divindades provenientes dos mais diversos panteões religiosos dividindo o espaço e o coração dos devotos com as divindades locais (SANZI, 2006). Gregos de língua, mas egípcios de origem, os *PGM* constituem uma das mais importantes fontes para a compreensão das práticas religiosas do Mediterrâneo antigo (BRASHEAR, 1995). Os papiros recolhem uma série de fórmulas, rituais e práticas mágicas do cotidiano do Egito greco-romano (BETZ, 1992; BRASHEAR, 1995). São mencionadas,

nos papiros, uma grande gama de entidades do Oriente Próximo e da Hélade, cujas principais características eram as promessas de suplantar as angústias e incertezas diante do além-túmulo.

Para o historiador Hans Dieter Betz (1992, p. xlvi), após as conquistas de Alexandre Magno, no IV a.C., “a religião egípcia do período faraônico parece ter sido reduzida e simplificada para facilitar a sua assimilação tendo a religião helenística como referência cultural predominante”. É importante frisar, contudo, que a helenização dos cultos egípcios foi acompanhada também da transformação e releitura das tradições religiosas de matiz grega, logo a helenização de práticas religiosas no Egito pode ser descrito como um processo baseado na negociação cultural. Uma das principais características da helenização foi habilidade de adaptar e reunir tradições religiosas, sem abandonar o núcleo cultural local, de onde ação se materializava.

O *corpus* acopla textos de estilo e conteúdo diversificado, assemelhando-se a um *caderno de anotações* de um mago. Adivinhação, encantamentos, simpatias, exorcismos, breves narrativas mitológicas são alguns dos temas presentes. Várias divindades são mencionadas, dentre elas as principais são: a deusa Perséfone, Selene, Ártemis, a antiga deusa babilônica Ereshkigal; personagens da tradição judaica como os anjos Miguel, Rafael, Gabriel, Moisés, Abraão e Salomão (LUCK, 1985; FARAONE, 1991; TURCAN, 2001; CHRONOPOULOU, 2015). Não é menos numerosa a menção aos deuses egípcios, principalmente, Osíris, Ísis, Serápis, Horus, Seth, Thot, Agathodaimon, estão presentes em vários rituais mágicos (BETZ, 1992, p.xlvii).

Da compilação de papiros greco-egípcios de que dispomos, a maior parte é composta de textos datados entre o século III d.C. e V d.C., inclusive os papiros utilizados neste artigo pertencem a este arco temporal. Contudo, a afirmação de que a prática da magia e da adivinhação se tornou mais recorrente no século III não deve ser levada em conta, visto que as tradições mágico-religiosas no Mundo Antigo eram milenares.<sup>3</sup>A magia egípcia da época faraônica, bastante conhecida devido à abundância de textos escritos e de monumentos, recebia, originalmente, o nome *heka*, e era considerado um atributo do deus Rá. Contudo, outras divindades praticavam-na, como os deuses Thot e Ísis, que utilizaram as artes mágicas para curar Hórus e eram, inclusive, considerados patronos da magia (RITNER, 1993).

---

<sup>3</sup> A título de informação, como atesta Georg Luck (1995, p. 18), podemos citar os hititas, que consideravam a magia uma técnica inventada por seus deuses, e seus oficiantes pertenciam a um grupo social privilegiado.

Durante o contexto do Egito tardo-antigo, como assevera Bagnall (1993, p. 273), a crença na existência de uma vasta população invisível de demônios e espíritos malignos capazes de causar malefícios como doenças, possessões e todo tipo de angústia, podiam ser sentidos pelas comunidades e a capacidade de controlar e expulsar tais espíritos era muito valorizada, daí a popularidade dos homens divinos. É neste contexto, da Antiguidade Tardia, que percebemos um aumento da procura, por parte das comunidades do Egito, pelos *theioi andres*, magos e adivinhos que eram capazes de realizar maravilhas e produzir artefatos apotropaicos, que garantiriam a proteção contra os maus espíritos. O mago era capaz de realizar prodígios, de prenunciar o futuro e de operar curas miraculosas por meio da interferência divina como nos indica o *PGM VI. 2360-2441*, que ensina a fabricação de uma estatueta acompanhada de diversos ritos mágicos, dedicada ao deus Hermes, para que uma casa ou negócio obtenha sucesso material:

Prática mágica. Toma cera amarela e suco de aérea e de hera lunar, misture e molde um Hermes oco por baixo que com a mão esquerda sustente um caduceu e com a direita uma bolsa. Escreva em um papiro hierático estes nomes e verás que é incessante: CHAIOCHEN OUTIBILMEMNOUOTH, ATRAUICH, da a este lugar ganância e êxito, porque aqui habita Psentebeth. Insira isso na parte oca da figura e lacre com cera de mesma classe; ponha depois em uma parede, de maneira que não seja vista; coloque uma guirlanda pela parte exterior, ofereça-lhe um galo e faça uma libação com vinho egípcio; depois, ascenda em sua homenagem uma lâmpada que não esteja pintada de vermelho.

Fórmula eficaz e fórmula de invocação sobre uma oficina ou uma casa ou qualquer lugar onde a situe: se possúres te enriquecerás, terás sorte, pois Hermes a fez para Ísis quando andava vagando; é maravilhosa e é chamada de <<pequeno pedinte>>. Tome uma cera que não tenha estado no fogo, a que se chama cera de abelha, e modele uma figura de homem que tenha a mão direita em atitude de pedir e a esquerda sustente um alforje e um cajado. Que haja uma serpente enroscada ao cajado; a figura deve ter uma faixa e estar, como Ísis, sobre uma esfera que tenha uma serpente enroscada. A levantarás e a colocarás no tronco de um zimbros, com uma *thérmouthis* da terra e um cesto cobrindo-a. Modele a figura na lua nova, consagre-a com ânimo alegre e recite a fórmula descrita sobre suas partes, dividindo-a quatro vezes em três partes. Escreva uma tala para cada parte em papiro hierático, com cinábrio, suco de Artemisa e mirra. Quando a tenhas erigido no lugar escolhido, oferece-lhe em sacrifício um asno com a frente branca, queimando-o totalmente, asse as entranhas em varas de vime e coma-as assim.

Isto é o que está escrito em cada tala: fórmula para alforje: EPH' EROUCHIO CHORAI DARIDA METHEUEI ABACHTHIE, EMESIE ECHENE IAE IEN EBAPS, PHNEOA, ENTHONICHAENTHA, TROMOCHMOUSO THERAOCHHEIN

SASI SAMACHIOH, OUASA, AMAKARALA KAIOS LASOII  
(BETZ, 1992, p. 81).

O encanto aqui transcrito contém uma invocação a Hermes e o pedido revela o desejo de enriquecimento do devoto. Unido a Hermes, deus reconhecido na Antiguidade como o deus dos mercadores e protetor do comércio, o devoto esperava compartilhar das benesses e favores dispendidos pela divindade. Desse modo, o mistagogo indica o modo correto de fabricação de uma estatueta do deus Hermes, que deveria portar seus principais símbolos: a bolsa e o caduceu.

Podemos observar aqui que a ação mágica empregada, implica a afirmação geral do ato mágico de que toda representação mantém uma relação com a coisa representada. E essa relação é ao mesmo tempo simbólica e física. Sendo assim, a estatueta está para a divindade, assim como a parte está para o todo.

Desse modo, a estatueta não precisa reproduzir a fielmente todas as características da divindade conclamada. A semelhança aqui evocada é a convenção ritual. É tarefa do mago, portanto, limitar e direcionar os efeitos da convenção ritual entre a estatueta e a o deus Hermes, no papiro invocado. Era por meio das *voces magicae*, das palavras mágicas, corretamente entoadas pelo mistagogo, que o mago conseguia direcionar a energia mística advinda das divindades para o objeto mágico.

Sentido parecido, encontramos nos papiros que se dedicam a informar os procedimentos para a correta elaboração de amuletos com finalidade apotropaica. A palavra apotropaico, de acordo com Faraone (1996, p. 79), tem origem no grego *apotropein* que significa desviar o mal, levar de volta, proteger. Amuleto é o nome dado a toda classe de ornamentos, pendentos, colares e demais objetos de cunho pessoal, fabricados das mais diferentes formas e com os mais distintos materiais, cujo objetivo era proteger o corpo, vivo ou morto, das influências malignas e dos ataques de inimigos visíveis ou invisíveis (VASQUEZ HOYS, 2003, p. 53). Como podemos observar no *PGM VII 311-316*:

Amuleto: Iao, Sabaot, Adonai ABLANATHANALBA  
AKRAMMACHAMAREI SESENGENBAR [PHARANGES]  
PEPHRAZAOTH ZOTH [MENE] BAINCHOOCH proteja NN, de  
quem NN [nasceu], de qualquer violência tanto de um sonho  
assustador, quanto por todos os demônios do ar. [Eu conjuro você]  
pelo grande e famoso nome, Abraão EMEINA AEOUBAOTH  
BAITHO BES IA IABAOTH AGRAMAKRAMARI PSINOTH BER

OON IASOP B [...] PNOUTE [e adicione como de costume, o que deseja] (BETZ, 1992, p. 125-126).

O amuleto aqui apresentado tem por objetivo materializar, sob a forma de um objeto mágico, a invocação ao deus Iao para garantir proteção contra a influência dos maus espíritos. A fim de potencializar os poderes do amuleto, o mago direciona ao objeto várias palavras mágicas (*vores magicae*) que tem por objetivo, compelir a divindade a participar do ritual, fornecendo o poder de proteção e para demonstrar seu domínio sobre os saberes esotéricos, adquiridos por meio da iniciação na *ars magica*.

Neste sentido, todo paramento mágico-simbólico para lidar com as forças invisíveis, exorcizar os demônios, produzir sonhos oraculares, interferir sobre a vontade dos homens e garantir a proteção divina eram utilizados pelos mistagogos. Segundo Bowman (1996), todo esse paramento ritual, adquire grande popularidade no Egito, a partir do século III. Sob a forma de encantos, amuletos e fórmulas que constam nos papiros. E a popularização de seu uso efetivo pode ser atestada no grande número de gemas mágicas encontradas em todas as regiões do Mediterrâneo Antigo, como na descrição do *PGM 447-458*, que segue abaixo:

Em um jaspe como a ágata, gravou Serápis sentado, voltado para o frente, segurando um cetro real egípcio e no cetro um ibis e, na parte de trás da pedra, o nome [mágico] de [Serápis], e mantê-la calada. Quando for necessário, segure o anel na sua mão esquerda e, à sua direita, um borrifador com [galhos] de oliveira e louros, brandindo em direção à lâmpada enquanto diz o feitiço 7 vezes. E quando tiver colocado/ [o anel] no dedo indicador da mão esquerda com a pedra dentro, [mantenha-o] assim (BETZ, 1992, p. 109).

Como podemos observar o ritual para a preparação de um amuleto não era algo simples, era necessária preparação prévia, organização e coleta do material necessário para realização do encanto e, o principal, o conhecimento de todo o saber mágico, concernente à trajetória mística das divindades, bem como, dos símbolos coerentes à eficácia da prática mágica realizada. Para a realização do ritual supracitado, o mago e seu cliente precisariam de um jaspe, pedra preciosa, muito utilizada como amuleto de proteção (VÁZQUES HOYS, 2003, p. 310). A pedra deveria ser gravada com a imagem do deus Serápis em seu trono em seu anverso, e no reverso o nome da divindade. Chama atenção também no ritual a necessidade de aspersão com ramos de louro e

oliveira, o que aproxima a ação do mago, com a do sacerdote que antes do sacrifício aos deuses, aspergia água purificada com oliva e louros (VÁZQUES HOYS, 2003, p. 84). Outra importante recomendação do ritual é a recomendação de proclamar o feitiço por sete vezes, e o sete, um dos números mais simbólicos da mitologia e da magia reforça a ideia de perfeição necessária à prática ritual que deveria ser exata e correta de acordo com as prescrições do mago.

As práticas mágicas e os encantos apresentados nos papiros mágicos correspondem a uma complexa e multicultural compilação dos saberes esotéricos de que dispunham os magos, atuando como homens divinos no contexto do Egito tardo antigo e que não poderiam ser manipulados por qualquer indivíduo. Era necessária uma formação sólida nas artes mágicas, bem como, na cosmogonia que envolvia a trajetória mística, os símbolos e elementos característicos das divindades conclamadas ao auxílio do mistagogo. Sendo assim, os magos eram os únicos capazes de intermediar a relação entre o sagrado e profano. Apenas os iniciados nas artes mágicas, gozavam dos favores das divindades. E o prestígio social, como intermediários entre os deuses e os homens, lhes garantia a liderança e o domínio de seguidores em suas comunidades.

Os magos eram os depositários de um saber muito importante que rompia os limites entre o mundo terreno e o sobrenatural e que era reconhecido pela sociedade romana tardo-antiga como extremamente eficiente. Os magos dos papiros ofereciam a esperança da cura por meio de encantamentos e poções e a proteção contra os infortúnios desta vida, e da outra, por meio dos amuletos o que reforça a prática da magia como ato coletivo que visava à produção de resultados a fim de apresentar sua eficácia e garantir sua legitimação e a de seus oficiantes como representantes das divindades.

## **Referências**

### **Fontes textuais**

BETZ, H. D. *The Greek magical papyri in translation*. Chicago: The University of Chicago Press, 1986.

BRASHEAR, W.M., *The Greek Magical Papyri: an Introduction and Survey; Annotated Bibliography (1928-1994)*. In: HAASE, W. *Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt* II.18.5. Berlin, New York: 1995. p. 3380-3684.

### **Obras de apoio**

ANDREWS, C. *Amulets of ancient Egypt*. London: The British Museum Press, 1994.

BAGNALL, R. S. *Egypt in late antiquity*. New Jersey: Princeton University Press, 1993.

BEARD, M; NORTH, J.; PRICE, S. *Religions of Rome*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

BETZ, H. D. Magic and mystery in the Greek magical Papyri. In: FARAONE, C. A.; OBBINK, D. *Magika hiera: ancient and religion*. New York: Oxford University Press, 1991, p. 244-259.

BOWMAN, A. K. *Egypt after the pharaohs, 332 B.C. – A.D. 642*. California: University of California Press, 1996.

BROWN, P. *El mundo en la antigüedad tardía: de Marco Aurelio a Mahoma*. Madrid: Taurus, 1989.

BURKE, P. *Hibridismo Cultural*. São Leopoldo: Unisinos, 2006.

BURKERT, W. *Antigos cultos de mistério*. São Paulo: Edusp, 1991.

CHARTIER, R. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1987.

CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

CHRONOPOULOU, E. El oficio peligroso del mago. In: SUÁREZ, E.; BLANCO, M.; CHRONOPOULOU, E. (Ed.). *Los papiros mágicos griegos: entre lo sublime y lo cotidiano*. Madrid: Dykinson, 2015, p. 13-30.

ELIAS, N. SCOTSON, J. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FARAONE, C. A.; OBBINK, D. *Magika hiera: ancient and religion*. New York: Oxford University Press, 1991.

FISHWICK, D. *The imperial cult in the latin west: studies in the ruler cult of the western provinces of the roman empire*. Leiden: Brill, 1993.

- FRANKFURTER, D. The magico of writing and the writing of magic: the power of the world in Egyptian and Greek traditions. *Helios*, vol. 21, p. 189-221, 1994.
- FRAZER, J. G. *O ramo de ouro*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1982.
- GARCÍA MOLINOS, A. Sobre los recursos para persuadir al lector en los papiros griegos mágicos. In: SUÁREZ, E.; BLANCO, M.; CHRONOPOULOU, E. (Ed.). *Los papiros mágicos griegos: entre lo sublime y lo cotidiano*. Madrid: Dykinson, 2015, p. 31-44.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GONÇALVES, Ana Teresa M. Os severos e a anarquia militar. In: DA SILVA, G. V.; MENDES, N. M. (Org.). *Repensando o Império Romano: perspectiva socioeconômica, política e cultural*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006, p.175-192.
- GRAF, F. *La magie dans l'antiquité gréco-romaine*. Paris: Les Belles Lettres, 1994.
- LUCK, G. *Arcana mundi: magic and the occult in the Greek and Roman worlds*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1985.
- MACHADO, Roberto. Por uma genealogia do poder. In: FOCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1981, p. viii-xxiii.
- MASTROCINQUE, A. *Les intailles magiques du département de Monnaies, Médailles et Antiques*. Paris: Éditions de la Bibliothèque Nationale de France, 2014.
- MAUSS, M. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.
- MONTERO, P. *Magia e pensamento mágico*. São Paulo: Ática, 1990.
- MOKHTAR, G. *História geral da África II: África Antiga*. Brasília: UNESCO, 2010.
- PEREIRA, R. G. G. *Helenização e Egipcianização: re-construção de identidades no Egito helenístico*. Dissertação de mestrado apresentada na Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005.
- REDE, M. História e cultura material. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p. 133-150.
- RITNER, R. K. *The mechanics of ancient egyptian magical practice*. Chicago: The University of Chicago Press, 1993.
- SANZI, E. *Cultos orientais e magia no Mundo Helenístico-romano: modelos e perspectivas metodológicas*. Fortaleza: Eduece, 2006.
- SCHEID, J. *La religion des romains*. Paris: Armand Colin, 1998.
- SILVA, G. V. da. A orientalização do Império Romano: aspectos religiosos. In: Ruy de Oliveira Andrade Filho. (Org.). *Relações de poder, educação e cultura na Antigüidade*

*e Idade Média, estudos em homenagem ao Professor Daniel Valle Ribeiro: I CIEAM – VII CEAM*. São Paulo: Editora SOLIS, 2005, p. 195-208.

\_\_\_\_\_. *Conflito cultural e intolerância religiosa no Império Romano*. Vitória: GM Grafia e Editora, 2008.

\_\_\_\_\_. Um exemplo de polêmica religiosa no século II d.C.: a oposição Ísis x Atargátis nas Metamorfoses de Apuleio. *Revista de História da UFES*, n. 9, p. 27-39, 2001.

\_\_\_\_\_. Política, Ideologia e Arte poética em Roma: Horácio e a criação do Principado. *Revista Politéia*, v. 1, n. 1, 2001, p. 30-51.

\_\_\_\_\_. *Reis, santos e feiticeiros: Constâncio II e os fundamentos místicos da basileia (337-361)*. Vitória: Edufes, 2003.

SUÁREZ, E.; BLANCO, M.; CHRONOPOULOU, E. (Ed.). *Los papiros mágicos griegos: entre lo sublime y lo cotidiano*. Madrid: Dykinson, 2015.

VASQUES, M. S. Espaços urbanos e relações de poder no Egito romano. *Romanitas – Revista de Estudos Grecolatinos*, n. 3, p. 47-64, 2014.

VÁZQUES HOYS, A. M. *Arcana magica: diccionario de símbolos y términos mágicos*. Madrid: Uned, 2003.